

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 26 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	58000	28000	9500	8120
Possessões ultramarinas (idem)....	48000	24000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	58000	28500	—	—

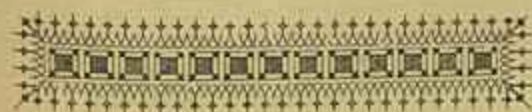
21.º Anno — XXI Volume — N.º 694

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.

10 DE ABRIL DE 1898



CHRONICA OCCIDENTAL

Quando este periodico sair do prelo, os sinos, depois de tantas horas de triste silencio, hão de repicar alegremente em todas as torres das egrejas.

Domingo de Paschoa.

Vae linda a primavera. Nos campos sorridentes os trigos compactos resmalham canções festivas, e no grande tapete verde, por estas noites de luar esplendido, as arvores dos pomares similham grandes perolas brancas, as olivas grandes rubis. Vai cahindo a flôr dos ulmeiros e rolando pelo chão faz guisalhadas. Os raios cantam estridentemente nos taludes.

Alleluias no céu e alleuias na terra.

Os sinos tocam e grandes revoadas de pardaes passam no céu azul, poisam em chilreadas doidas nas arvores, onde folhinhas verdes espreitam sorrindo ao sol esplendido da opulenta primavera.

Anda uma alegria pelo ar cheio de perfumes.

E, entretanto não corresponde o estado das almas nem ao tocar d'esses sinos que nos dizem que o Redemptor ressuscitou, nem ao chilrear d'essas aves todas em canticos de amor, nem à luz do sol que espalha a vida na terra, nem à florescencia d'essas arvores cheias de vida.

Um véo tenebroso as almas envolve.

Quando este periodico sair, quem sabe que novas luctuosas terão chegado, que novas desesperanças, senão já a certa certeza d'um fim de século cor de luto e sangue?

A ansiosa expectativa em que o mundo tem estado, os telegrammas contradictorios a toda a hora recebidos, o estado de cruel incerteza em que a Hespanha e a America teem vivido, e com estas duas nações quantos por ellas se interessam, o que na atroz doença que o mundo vai soffrendo tanto nos tem magoado e os clarões pallidos de uma visita da saúde, esperanças e desesperos, se tudo haverá fim, quando os sinos todos juntos tocarem alleluia?

Por enquanto as noticias de mais provavel veracidade são de guerra.

O sentimento popular nos Estados Unidos deseja: a Hespanha, que n'estes tempos de luctas pelo interesse combate pela honra e pela dignidade, por certo não curvará a cabeça ás intimações.

O governo colonial da Havana publicou o seu manifesto em que estas palavras apparecem: «Sem perigos nem azares offerecem-se nos dilatados horizontes para um futuro prospero. Cesse, pois, o ruido das armas. Demo-nos todos um abraço fraternal e deliberemos com socego para conseguir a eterna paz, para honra de todos, sem desdouro para ninguém.»

Fala do futuro parlamento de Cuba autonoma, tendente a fazer cessar por uma vez a insurreição, procurando trazer as populações ao caminho da legalidade.

E' tarde talvez para isso. Nada já poderá valer, se de nada valeu a boa vontade manifestada pelo presidente Mac-Kinley.

Uma grande alegria deu volta ao mundo, quando se falou em que seria accete a mediação do Papa na questão cubana. E foi enorme a commoção dos que pensaram que poderia o sancto velho, esse vulto enorme do século, obter com o

seu conselho o que diplomacias complicadas e altissimos interesses não haviam conseguido.

Mac-Kinley parece ter declarado que a intervenção de Leão XIII produziria máo effeito aos americanos protestantes.

E sumiu-se, não ainda totalmente, mais uma luz de esperança. Da lhe ainda um pouco de alento este telegramma de Paris.

«Paris, 6, t. — A Russia, a França e a Alemanha responderam favoravelmente á iniciativa do Imperador de Austria tendente a que as potencias recorram á mediação do Papa. Os embaixadores em Washington reunirão para conferenciar e concordar na formula de um armisticio accetavel para a Hespanha e para os cubanos.»

Em meio da embrulhada continuam os preparativos de guerra, e sejam quaes forem os erros

dos hespanhoes na administração de suas colonias, a Hespanha tem conquistado innegavelmente agora as sympathias e o respeito de todas as nações.

Chamam os americanos á Europa a *velha tonta*. Pontos de vista. Uma pagina triste pode ser gloriosa, como gloriosos foram os vencidos de Saragossa, tanto ou mais que os conquistadores de Granada.

Tudo no mundo são contrastes. Prepara-se a Hespanha para a guerra, ao mesmo tempo que em Portugal se organisam as festas do centenario d'uma das nossas maiores glorias, d'essas em que a Hespanha, e só ella, tivemos como rival.

Vão-se aquecendo os animos pouco a pouco. As festas do centenario, em que poucos acreditavam, quer pelo estado decadente das finanças portuguezas, quer pelo desastre de passadas fes-

SEMANA SANTA



O SALVADOR DO MUNDO — Quadro de Baccio Della Porta

tas, começam já a affigurar-se brilhantemente.

E' possível que, a dar-se a guerra, diminua muito a concorrência dos estrangeiros ao porto de Lisboa e, quasi com certeza não se farão aqui representar as duas nações belligerantes.

Entretanto alguns numeros do programma dos festejos annunciam-se dignos do facto cuja commemoração era um dever.

Os espiritos precisam de distracção e n'elle podem achar novas forças para esta lucta em que continuamente andamos.

Para terça feira proxima annuncia-se a estreia da grande actriz italiana, Duse, no theatro D. Amelia.

E' a primeira artista dramatica de Italia; não é de admirar, portanto a colossal assignatura do theatro. Quasi todos os logares estão tomados.

A Duse representará seis vezes. O repertorio escolhido consta da *Locandiera* de Goldoni, *Magda* de Suddermann, *Femme de Claude*, *Princesse de Bagdad* e *Dame aux Camélias* de Alexandre Dumas.

A peça que mais agrada será repetida.

A companhia hespanhola, que com tanto exito tem representado no theatro D. Amelia fará as suas despedidas no domingo de Paschoa.

No theatro da Rua dos Condes succedem-se as enchentes com a revista de Schwalback, *Formigas e Formigueiros*.

Eduardo Schwalback é mestre no genero e conhece admiravelmente o gosto do publico frequentador d'esses espectaculos. Alguns dos quadros são engraçadissimos e tiveram um exito colossal na primeira noite, ainda maior nas seguintes. O guarda-roupa executado por modelos desenhados por Boddallo é dos melhores que se tem visto em theatros portuguezes.

Parece que alguns originaes ainda este anno serão representados nos theatros de Lisboa — na Trindade, o drama de José de Sousa Monteiro, cujos papeis já foram distribuidos; em D. Maria, talvez um drama de Marcellino de Mesquita e, segundo consta vagamente, uma peça historica referente ao descobrimento do caminho da India.

Vê-se que se trabalha na litteratura portugueza.

Ha dias sahio dos prelos da Imprensa Nacional, editado por Manuel Gomes, o livro do Conde de Bertiandos, *Lendas*. A maior parte d'ellas são pequeninas historias minhotas, de tempos muito remotos, de quando os cavalleiros vestidos de ferro andavam em correrias pelo mundo, e nos velhos castellos, nos conventos sombrios, vozes extranhas gemiam ao badelar da meia noite. — *Lendas* de bocca em bocca alteradas e a que o Conde de Bertiandos deu uma forma litteraria, simples, com uma aroma artistico de boa coisa velha portugueza.

A Empresa Litteraria Portugueza de Libanio e Cunha publicou, ha dias, um livro da sr.^a D. Anna de Castro Osorio, *Infelizes*. Uma duzia de contos muito simples, sinceramente sentidos e singellamente escriptos. Esta senhora é uma trabalhadora infatigavel e augmenta cada dia a sua collecciosinha de contos para a infancia, a cuja educação muito se dedica. Bem haja por isso.

O amor ás boas letras portuguezas não cresce infelizmente, como seria para desejar, no publico mal educado com traducções que arrepiam ou leituras pornographicas. Poucos são os que se dedicam de coração ao que é serio, ao que é util, ao que é instructivo.

Embora não possamos interessar-nos por tudo quanto na arte, na sciencia, na politica se torne digno de estudo, desviadas muitas vezes as nossas attentões para assumptos diversos, bem hajam os que com amor, instigados tanto por um dever como por um direito, se dedicam à solução de importantes problemas. O sr. Domingos Tarrozo acaba de publicar mais um volume sob o titulo de *A forma de votar*, questão que é com certeza das mais importantes da actualidade.

Ramos Coelho brindou-nos com os seus excellentes livros de versos, *Cambiantes e Lampejos*. A sua fama de poeta e de metrificador dispensa commentarios. Para confirmar a primeira abra-se o livro ao acaso, para exaltar a segunda leia-se a traducção brilhante da ode de Mazoni, a maior gloria da lingua italiana.

João da Camara.

SEMANA SANTA

O SALVADOR DO MUNDO

O celebre pintor italiano, que bem se pôde considerar o precursor de Raphael, pintou grande numero de quadros de assumptos religiosos e

entre elles o que reproduzimos pela gravura, e que se intitula o Salvador do Mundo.

N'este quadro representa Baccio o Salvador rodeado dos seus discipulos mais amados, S. João, S. Pedro, S. Thiago e S. Lucas, tendo aos pés dois anjos glorificando a Eucharistia.

O assumpto é sublime como a inspiração do artista que o pintou.

Jesus Christo empunha o sceptro do Rei Salvador, sceptro rematado pela cruz, symbolo da redempção.

A FLAGELAÇÃO DE JESUS-CHRISTO

Dizem os textos sagrados que o Senhor, no comprimento da vontade de seu Eterno Pae, chegou ao momento da sua Paixão!

Uma tristeza mortal assenhoreara-se do seu espirito e assim entrou no horto de Gethsemani onde se prostrou em oração. Com elle foram três dos seus discipulos mais amados. João, Pedro e Thiago e lhes disse que velassem com elle em quanto orava.

A sua afflicção era cada vez maior, rogando a seu Eterno Pae que, se fosse possível, o livrasse do calix da amargura; porém que fosse feita a vontade de Deus, e não a sua! Ao mesmo tempo lhe appareceu um Anjo do Senhor para o fortalecer n'aquella grande agonia, em que Jesus soava sangue e, desfallecido, cahiu com a fronte por terra.

Aquella agonia e desfallecimento do Filho de Deus, sentindo todos os tormentos e horrores da morte que o esperava, sentia-os elle para consolidação dos fracos quando se vissem em semelhantes circumstancias, para que no meio dos seus tormentos nunca deixassem de se conformar com a Vontade Divina.

Elle estava ali como homem, para exemplo dos homens!

E afflicto, quasi sem forças, procurou consolidação em seus discipulos, mas encontrou-os em profundo somno, de que tentou por tres vezes acordal-os dizendo: Vigiae e orae, porque o espirito está prompto, e a carne é fraca.

Acabando de proferir estas palavras, chegou Judas com muita gente armada, mandada pelos Judeus e Phariseus para o prender.

E Judas se aproximou do Senhor a quem beijou na face, sendo este o signal que dera para aquella gente conhecer a Jesus.

Ao que o Senhor disse: Amigo, a que viestes? Entregaes com um osculo ao Filho do homem?

Mansa e resignadamente se entregou o Senhor à prisão e quando Pedro, já acordado, desembainhou a espada para o defender, elle lhe a mandou metter na bainha, sarando a ferida que Pedro fizera com ella n'um dos Phariseos.

Posto Jesus Christo no poder dos judeus, o levaram à presença de Annas, o summo sacerdote.

Este perguntou ao Senhor pelos seus discipulos e pelas suas doutrinas, ao que Jesus respondeu que nada tinha dito em segredo, mas que todos o sabiam. Não pareceu bem esta resposta a um official das guardas, que estava proximo de Jesus e então lhe deu uma bofetada dizendo se assim se respondia ao summo sacerdote.

Soffreu Jesus aquella grande afronta com paciente resignação e se limitou a dizer: se tinha fallado mal lhe mostrasse em que, e se bem, porque o feria?

De Annas foi Jesus conduzido à presença de Caiphás, em cuja casa se achavam reunidos os Principes dos Sacerdotes para o accusarem com falsos testemunhos, que tudo ouviu o Senhor em silencio. Caiphás lhe perguntou então que em nome de Deus lhe dissesse se era Christo. A estas palavras respondeu o Senhor que sim, mas que não criariam n'elle nem o deixariam ir embora.

Esta resposta foi tida por blasphemia e o povo gritou em altas vozes: Tem blasphemado, não é necessario buscar outras testemunhas, vós mesmos ouvistes as suas blasphemias; que vos parece? E todos clamavam que merecia a morte porque tinha blasphemado.

Então os soldados começaram a injuriar e a afrontar o Senhor, cuspiendo-lhe no rosto, vendando-o e batendo-lhe, dizendo: Advinha quem te deu? E assim se passou aquella noite entre afrontas e chagado o dia, levaram o Senhor a Pilatos para que o condemnasse à morte.

Pilatos perguntou aos judeus de que accusavam aquelle Homem, ao que lhe responderam confusamente e de que se elle não fora culpado, o não levariam à sua presença. Não quiz Pilatos condemnar a Jesus sem fundamento de justiça e por isso lhes disse que o julgassem elles conforme a sua lei. Os judeus não se conformaram com isto e fizeram então novas accusações a Jesus dizendo

que elle attentava contra o poder do Cezar e se acclamava Rei.

Pilatos inqueriu então a Jesus, que livremente lhe expoz que o seu Reino não era d'este mundo e que viera à terra para dar testemunho da verdade.

Nisto não achou Pilatos culpa a Jesus e assim o declarou ao povo, porém este amotinando-se fez com que de novo Pilatos interrogasse o Senhor o qual se ficou silencioso, e sabendo Pilatos que elle era de Galiléa o mandou para o rei Herodes, que estava em Jerusalem.

Teve Herodes grande contentamento por vêr Jesus de quem ouvira fallar, e quizera que elle fizesse algum milagre em sua presença, mas o Senhor nada respondeu ás questões que elle lhe propoz, pelo que o Rei o desprezou e tomou por louco tornando-o a mandar para Pilatos.

Chegando o Senhor de novo à presença de Pilatos, este, pela terceira vez disse aos judeus que não encontrava culpa em Jesus; mas os judeus resolutos em tirar a vida a Jesus gritaram em altas vozes que elle merecia a morte, ao que Pilatos, para abrandar a ira do povo, mandou que açoitassem Jesus a vêr se assim ficariam satisfeitos os seus accusadores.

E Jesus foi açoitado pelos soldados e para o escarnecerem e mais o martirisarem, depois de lhe despirem a tunica, lhe pozem na frente uma corôa de espinhos e sobre os hombros uma capa de purpura, dando-lhe por sceptro uma cana verde, e ajoelhando deante d'elle, por escarneo, esbofeteando-o lhe disseram: Deus vos salve Rei dos judeus.

Em tal estado pozeram a Jesus, que Pilatos entendeu seria bastante mostral o assim ao povo para lhe abrandar o desejo de lhe dar a morte, e lhes disse estas memoraveis palavras: Eis aqui o homem!

Mas o povo não se accomodou e redobrou de furia contra o innocente Jesus, que Pilatos ficou perturbado e ainda mais augmentou a sua perturbação quando o povo lhe regeitou a proposta de livrar a Jesus pela festa da Paschoa, em que era costume perdoar a um condemnado. Seria perdudo antes Barrabás, que era um ladrão, e homicida!

Continuou Pilatos a oppôr resistencia à condemnação de Jesus, por não lhe encontrar culpa. Sua mulher tambem lhe disse que não condemnasse o justo, porém os judeus recoreram á fraqueza do homem para melhor conseguirem os seus fins, e clamaram que Pilatos não era amigo de Cezar, porque protegia um homem que se levantava contra a sua auctoridade e poder.

Pilatos viu correr risco a sua posição e a sua fortuna e não sabendo resistir a esta incidia dos inimigos de Jesus, callou a voz da propria consciencia e accedeu aos clamores da população.

Julgando, porém, purificar-se da injusta sentença que ia proferir, lavou as mãos em presença do povo, dizendo que não era culpado do sangue que se ia derramar.

Assim foi condemnado Jesus à morte, depois de ter soffrido todos os ultrajes que lhe quizeram fazer.

Consumou-se o grande sacrificio do homem Deus para remir a Humanidade!

APPARECIMENTO DE JESUS CHRISTO

AOS APOSTOLOS

Ao terceiro dia foram as Santas Mulheres procurar a Jesus Christo no tumulo, mas a pedra estava levantada e o tumulo vazio.

Então as Santas Mulheres choraram por não verem o Senhor, mas um anjo lhes appareceu e disse que Jesus tinha resuscitado e fora para Galiléa.

E as Santas Mulheres se foram a levar a nova aos discipulos de Jesus, dizendo que elle tinha resuscitado e não estava no tumulo, o que elles foram verificar e viram ser verdade.

Mas o Senhor lhes appareceu então e lhes disse: Oh insensatos e incredulos a tudo quanto predisseram os Prophetas! Não bastava que Christo soffresse aquellas cousas e entrasse assim em sua Gloria? E historiou tudo quanto tinham dito os prophetas desde Moysés.

E assim appareceu Jesus Christo aos Apostolos.

A PAIXÃO

Appareceu um dia nas terras da Palestina uma individualidade singular, que procurava constantemente ser util á gente pobre, sem comtudo escolher no exercicio da sua caridade as occasiões

mais propicias de solemnidade e de ajuntamento, para tornar-se evidente.

Sabia o povo que elle era filho de Maria, de Nazareth, e via-o ensinar cousas novas sob a forma de parabolâs.

Pouco a pouco porém, a fama do seu nome foi attingindo espaços mais largos e atrahindo-lhe multidões crescidas.

Não era só a palavra d'aquelle mestre sympathico o motivo explicativo de tal movimento.

Havia outras causas poderosas, sufficientes a accentuar na sua frente a aureola da santidade, e no espirito de quantos logravam vê-lo e ouvi-lo sem preocupações mesquinhas, a convicção intima de que semelhante homem devia descender dos deuses immortaes.

Muitos enfermos tinham ficado sarados com o só contacto das suas mãos abençoadas: ao simples pedido de sua mãe transformára em vinho a agua, n'umas bodas em Caná.

Punha-se de parte a idéa de impostura ou a de influencia de espiritos infernaes, porque elle invocava sempre o Deus unico de quem se dizia filho, e não resistiam á intimitiva do seu verbo os proprios seres das trevas.

A sua doutrina, doce e insinuante, mais do que comprehender-se, palpava-se e sentia-se.

Os trabalhadores mais rudes e as creanças que mal sabiam da infantildade, achavam-se bem na sua presença, e o echo da sua voz produzia-lhes um tom de tranquillidade e de esperança, que os determinava a segui-lo e a venerá-lo.

Com os graves doutores, arguciosos e cheios de ciúme, não mantinha as relações estreitas que o ligavam ás demais pessoas do povo; mas não os odiava, embora não desconhecesse a qualidade de processos de má fé requintada de que faziam uso no intuito de perdê-lo na opinião publica.

Quando succedia encontrá-lo, tinha para elles as mesmas atenções que lhe merecia toda a especie de gente, e respondia lealmente nas discussões que travavam, a todos os seus argumentos, por mais cavilozos que fossem.

Chamava-se este homem extraordinario, esta individualidade singular, Jesus Christo.

Tudo quanto pode caracterisar socialmente uma pessoa, e conquistar-lhe de direito os respeitoes sinceros do mundo e as amizades profundas, tudo isso existia n'elle realçado ainda pela humildade absoluta do seu porte.

Nenhuma philosophia antiga ministrára nunca mais alto ensinamento, na medida perfeita de todas as intelligencias.

Nem se tratava de metaphysica transcendental, nem de chiméricos sonhos d'um visionario insensato; annunciava-se a verdade e propunha-se apenas o caminho do bem.

E Jesus Christo, extraordinaria figura de pureza, imprimindo sobre a terra um vestigio sublime da sua passagem, era o exemplo vivo e legitimo, offerecido para modelo a sabios e a ignorantes.

Desprezando as subtilzas oratorias e o estilo palavroso, as suas phrases claras e francas, tinham toda a unção da verdade e alheavam-se totalmente da esphera politica.

Solicitado arduamente para assumptos e questões, de solução difficil em presença dos principios doutrinaes que estabelecia, apparentemente oppositos á letra das leis judaicas, expressava-se em termos inesperados que emmudeciam os seus interlocutores peridos, tanto mais anciosos de vingança, quanto nem sequer um vislumbre de orgulho triumphante assomava na face serena de Jesus Christo.

Em tudo buscavam ensejo para acoimarem de escandaloso e reprehensivel o procedimento do mestre insigne; e, não obstante as accusações e as intrigas habilmente urdidas Jesus podia affirmar que não viera «para destruir a lei e os prophetas mas para lhes dar cumprimento».

Semelhante situação tornava-se cada vez mais insupportavel para os escribas e phariseus, que viam na onda popular, progressivamente maior, quedando mansamente aos pés do filho de Maria, a sua propria condemnação e o anathema eterno da iniquidade.

Forjaram então o plano tenebroso, que havia de permittir ás suas faculdades intumescidas de fezes, o riso alvar do crime victorioso.

Elles e Judas, teriam o direito de esbojar-se com alegria no monturo laravel da miseria execravel.

Levantava-se porém, uma barreira enorme, que obstava á satisfação plena dos seus designios; era o poder romano.

Os judeus não constituíam n'aquella epocha um estado livre; e para lograrem fazer desaparecer da scena do mundo a victima innocente da sua maldade, designaram Jesus ao delegado do

Cezar imperial como sendo revolucionario perigoso.

Foi mister affirmarem-lhe que o supposto coryphéo politico ousára tomar o titulo de rei.

A partir d'este momento, foram vencidas todas as resistencias e amedrontada a indecisão do cobarde governador da Judea.

Um beijo, que significava transacção commercial de villão, iniciou perante os homens a hora do sacrificio dolorosissimo rematado no madeiro da ignominia.

Entregue á prisão por aquelle signal de amor, tão longe do coração do discipulo traidor, quanto mentido nos lábios que o imprimiram, Jesus Christo, foi conduzido a diferentes auctoridades que o interrogaram e não lhe acharam culpas.

Todavia, não desistiu a malevolencia dos seus ruins intentos, e acabou por dominar Poncio Pilatos.

Lavrou-se a sentença de morte contra Jesus; e, como era costume soltar-se em Israel por occasião das festas paschoaes, que então celebravam, um condemnado a pena ultima, Pilatos, receioso de Tiberio e ao mesmo tempo agitado na consciencia pelo remorso de haver sancionado um acto infame, ainda quiz tentar um expediente para salvar a vida ao martyr e socegar as tempestades da sua alma, propondo ás turbas entre Christo e Barrabás.

Gritaram que recahisse n'este o favor da liberdade, e pediram a cruz sem demora para o outro.

Jesus Christo, já tinha sido apupado, cuspido no rosto, flagellado nas carnes, e como se isto fosse pouco, sobrecarregaram ainda o seu corpo enfraquecido com o peso do proprio instrumento do supplicio derradeiro.

Emfim, chegado ao Calvario, estenderam-no no lenho humedecido com as suas lagrimas e gotejante do seu sangue, pregaram-no com cravos e ergueram a cruz para o alto firmando-a na base.

Tinha na cabeça uma corôa de espinhos, e para lhe mitigar a sede deram-lhe fêl e vinagre!

E no meio de toda esta explosão de sentimentos baixos, opprimido moralmente pelo espectáculo da ingratição e pela cegueira pasmosa dos homens, levantou para o Ceo os seus olhos marejados de pranto e soltou aos quatro ventos a palavra redemptora, que punha termo á sua vida terrena e evidenciava esplendidamente a Divindade de Jesus Christo: «Pae, perdona-lhes, não sabem o que fazem».

Tal se desenrolou ha quasi vinte seculos, o drama lancinante commemorado todos os dias nos altares dos nossos templos.

«La Passion, disse um escriptor francez, est l'amour divin commentant la sagesse divine».

D. Francisco de Noronha.



AS NOSSAS GRAVURAS

EDUARDO FREIRE DE OLIVEIRA

Publicando o retrato do sr. Eduardo Freire de Oliveira, estudioso e dedicado director do archivo municipal de Lisboa, o nosso periodico presta não só uma merecidissima homenagem ao portado estudo e profundo interesse que á historia dos fastos do municipio lisbonense aquelle erudito investigador tem votado a melhor parte da sua actividade, como tambem solve uma divida por nós conservada em aberto desde alguns mezês.

Da origem d'essa divida dá perfeita idéa o honroso officio, que por distincta iniciativa do venerando presidente da camara municipal de Lisboa, sr. dr. Zophimo Pedroso Gomes da Silva, nos foi enviado, acompanhando uma colleção completa dos apreciaveis *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, trabalho deveras consciencioso do sr. Freire de Oliveira, e cuja offerta valiosa muito nos penhorou.

O referido officio é concebido nos seguintes termos, mui dignos de geral conhecimento como justo e alevantado louvor ao sr. Freire de Oliveira.

«Srs. redactores:—Em nome da Camara Municipal de Lisboa, a que presido, tenho a honra de offerecer a v. uma colleção dos oito volumes já publicados dos *Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa*, obra que esta cidade emprehendeu em homenagem ao proeminente vulto

da nossa historia e grande estadista do seculo xviii Sebastião José de Carvalho e Mello, primeiro marquez de Pombal, por occasião de se celebrar o seu primeiro centenario no anno de 1882.

«Devia a cidade de Lisboa preito á memoria do illustrado ministro do quinto rei da actual dynastia, por cuja vontade potente e energica resurgiu, mais bella e magestosa, da derrocada em que a prostrou uma catastrophe horrivel: pela forma que reputou mais digna procurou com a obra que lhe é consagrada, solver essa divida de gratidão, desentranhando do archivo do municipio e trazendo á luz da publicidade a valiosa serie de documentos que reconstruem a historia d'este desde a fundação da monarchia, e que avultam, a par de muitas noticias curiosas, nas paginas do trabalho em publicação, confiado ao escrupulo, zelo e intelligencia do sr. Eduardo Freire de Oliveira, archivistado da mesma cidade, empregado muito distincto e que com a sua erudição e notaveis facultades de investigador, tão apreciavel serviço está prestando.

«Os seguintes volumes dos *Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa* serão enviados a v. á medida que progredir a publicação.

«Com a presente offerta julga a camara corresponder ao muito interesse de v. pelas letras e historia patria, tantas vezes manifestado no desempenho da difficil missão da imprensa a que se dedicam.

«A v. em nome da Camara municipal de Lisboa, e no meu particularmente asseguro o testemunho da mais subida consideração.

Deus guarde a v. Paços do concelho, 20 de janeiro de 1898.

«Srs. redactores do OCCIDENTE.»

O presidente, Zophimo Pedroso Gomes da Silva. São bastante reduzidos os dados biographicos que dispomos para estas linhas de que acompanhamos o retrato do sr. Freire de Oliveira.

Sabemos que é natural de Lisboa, e isto explica decerto o muito amor que dedicou sempre ás cousas lisbonenses, tão interessantes e curiosas como por vezes desconhecidas.

Seu pae, sr. Candido José Maria de Oliveira, foi um valente, que depois de se bater com dano nas campanhas liberaes onde ganhou o habito da Conceição, exerceu activamente as suas funcções de empregado na Alfândega de Lisboa, não faltando alli sequer um só dia em mais de sessenta annos consecutivos de serviço, e occupando muitas vezes o cargo de director da Alfândega de Consumo Sua mãe, sr.ª D. Emilia Carlota Freire de Oliveira era tambem natural de Lisboa.

De seu honrado pae, que como funcionario publico mereceu a rara distincção de ver publicado *in extenso* o honroso decreto que o aposentava com elogio, herdou o sr. Freire de Oliveira a singular actividade e especial dedicacão de que no seu logar de chefe do Archivo Municipal tem dado sobejas e inequivocas provas.

E' ver a intelligente disposicão que em todo aquelle recinto se nota, revelando a par do erudito conhecimento dos diplomas, o patriota encendrado, fazendo brilhar o que a cidade possui de notavel e precioso em objectos de tradicção e documentos valiosissimos e importantes.

Não data de ha muito a absoluta conclusão do guarnecimento d'este exemplar archivo, o que foi devido em grande parte ás louvaveis instancias e diligentes esforços do sr. Oliveira, facto este pelo qual sinceramente felicitamos a camara e a cidade, porque, com orgulho o affirmamos, o archivo municipal é um estabelecimento em nada inferior aos seus congeneres das grandes capitales europeias, e com o qual se devia honrar subidamente qualquer d'ellas.

Se este pequeno artigo não fôra, como se deprehende, apenas uma homenagem modesta e um agradecimento espontaneo, dariamos aqui logar a uma succinta descrição do arranjo interior do archivo, e uma indicação summaria da monumental obra *Elementos para a historia do Municipio de Lisboa*, cujo recebimento nos moveu a esta publica manifestação tão simples como significativa.

UMA VISITA A CASTELLO DE VIDE

V

ALMOÇO NA PORTAGEM

A hora a que voltámos de Maryão já não permittiu que seguíssemos para Lisboa n'aquella noite. Ainda bem que assim foi, porque isso nos proporcionou mais um dia hem passado em Castello de Vide, um dia em que fazia annos o sr. An-

SEMANA SANTA



A FLAGELAÇÃO DE JESUS CHRISTO

tonio Repenicado, que nos convidou para um almoço na Portagem, e para jantar em sua casa.

Pelas nove horas da manhã fui eu e Branco Rodrigues reunimo-nos em casa do sr. Repenicado onde estavam hospedados os nossos companheiros de viagem Antonio Ramalho e Arnaldo da Fonseca.

Ainda não tinha visto o lagar a vapor do sr. Antonio Repenicado e por isso, entre o chocolate e a partida para o campo, descemos ao barracão onde funcionava a machina, que de noite e de dia trabalhava a exprimir azeitona.

Então o sr. Repenicado explicou todos os processos porque passava a azeitona até dar o magnifico azeite que nos mostrou, nas grandes talhas de folha que estavam no barracão.

Aquelle lagar a vapor representava um progresso notavel na industria do azeite, pelo bom aproveitamento de toda a substancia oleosa da azeitona e pela rapidez relativa da produccão.

O sr. Antonio Repenicado não fabrica no seu lagar a vapor, só azeite das suas propriedades, mas recebe a azeitona de outros lavradores que se aproveitam d'aquelle beneficio, com que muito progride esta industria.

Ha, ainda, em Castello de Vide outro lagar a vapor pertencente ao sr. Lecoq, mas só fabrica a azeitona de casa, apesar de trabalhar todo o anno.

O azeite e hoje a principal industria e commercio de Castello de Vide, muito mais importante que as carnes ensacadas, de que d'antes fazia larga exportação, mas que actualmente está muito reduzida, pelas traficancias do commercio das cidades, que achou mais comodo e mais rendoso vender aquelle genero importado de terras mais proximas, embora de inferior qualidade, impingindo-o ao publico como genuino Castello de Vide.

Que me perdoem a indiscripcão os honrados merceiros e salchicheiros d'estes reinos.

Que o azeite era commercio importante de

Castello de Vide já eu tinha percebido, vendo pelas ruas grande movimento de machos carregados com sacos de azeitona, e pelos recantos pipas ou cascos muito cuidados á espera que os transportassem para a estação do caminho de ferro.

Quanto a suínos só vi estar a chamuscarem uns seis, em plena rua, como em outros tempos acontecia em Lisboa, onde esse repelente espectáculo acabou, e verdade, mas foi substituído pela manança dos cães, que se vêem escabuchar pelas ruas sob os efeitos do bolo municipal!

Não nos demoramos muito no lugar, porque o dia estava esplendido e convidava a gozar o campo, onde a primavera principiava a sorrir.

As acícias vestiam-se de suas flores amarellas, como canários emplumados, e abriam alas pela estrada que conduzia á Portagem, que é tambem a que leva a Portalegre.

Fomos colhendo ramos com que enfeitámos o carro em que íamos e emplumámos os nossos chapéus e aligeiras dos casacos, que parecíamos uns maíos.

No caminho encontrámos os ceguinhos do asylo que andavam á passeio; ia com elles um rapazinho de oito ou nove annos, cego e asylado tambem, que o sr. Repenicado mandou subir para o carro.

Esta creança mostrava-se satisfeita no meio da sua cegueira. Ficára assim de uma meningite de que escapara.

De olhos abertos, um tanto parados, pareciam olhar para a gente com certo ar de riso.

— Então não vê nada, perguntei-lhe eu, parecendo-me impossivel que elle não tivesse a mais pequena visão.

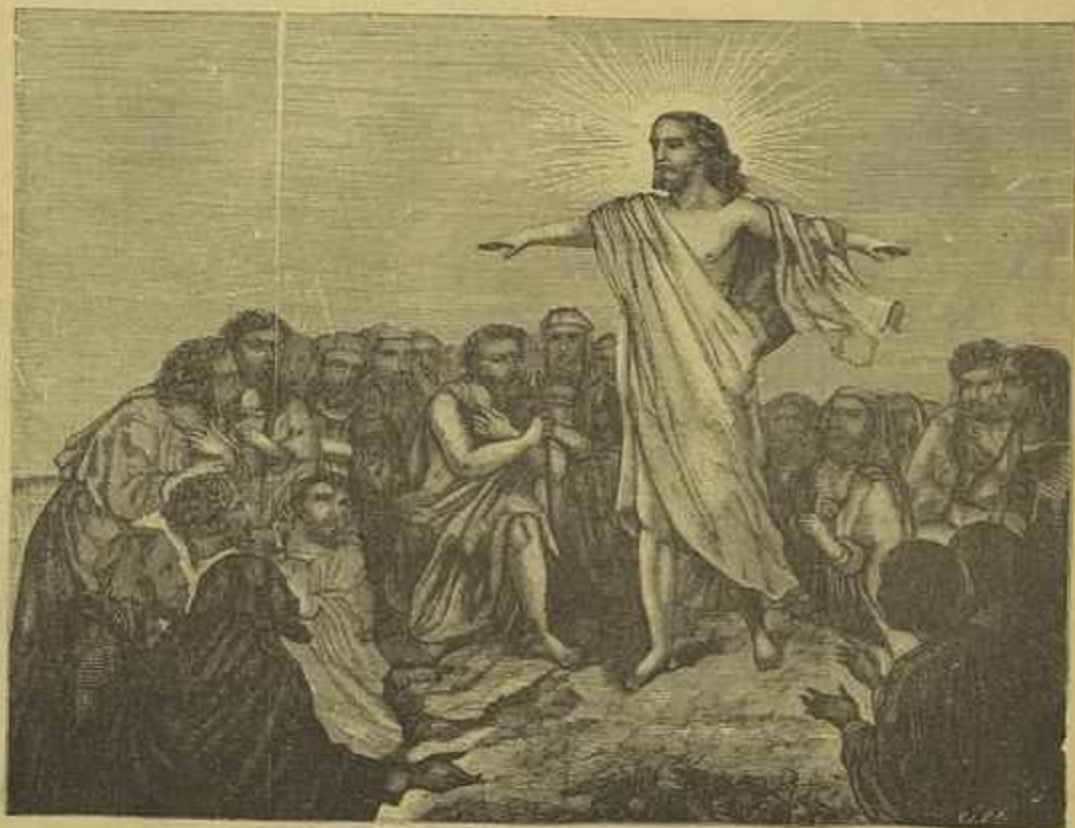
— Vejo a claridade do dia, mas não vejo as pessoas; me respondeu elle sempre com o mesmo sorriso.

O padre Severino, regente do asylo e que era tambem um dos convivas para o almoço, contou varias coisas engraçadas d'aquelle creança, que revelavam a sua intelligencia e acerto.

— Este rapazinho, continuou o padre Severino, veio para aqui de Lisboa; a mãe é muito pobre e o pae era um alcoolico. Quando entrou para o asylo soffria bastante dos intestinos, mas tem melhorado muito.

— Bem se vê, porque está notrido e com boa cor.

— Apesar d'isso não pôde beber vinho porque a mais pequena porção o perturba completamente, fazendo-o andar tonto por muito tempo.



APPARECIMENTO DE JESUS CHRISTO AOS APPOSTOLOS

Era a herança paterna.

A apparencia do rapazinho era magnifica.

Perguntei-lhe se estava contente ou queria voltar para Lisboa.

— Eu estou muito bem aqui, e não quero ir para Lisboa, acodio elle promptamente, e depois, com ar melancolico acrescentou: A minha mãe não me pôde sustentar.

Havia uma doçura encantadora n'aquellas palavras, uma resignação feliz, n'aquelle espirito.

Pobre creança!

Foi nosso companheiro em todo o passeio.

Tinhamos chegado ás pedreiras onde acampámos para almoçar.

Logar ameno, na falda da serra da Portagem, que é um ramo da serra de Portalegre ou de Maryão.

Atrahiu-nos logo a curiosidade umas grutas onde procurámos penetrar, mas com difficuldade; pelas pedras escorria humidade e as infiltrações formavam lindas stalactites e stalagmites como chrystaes preciosos.

Trabalhadores extrahiam pedra para cozer nos fornos de cal. De uns cinco ou seis fornos que ali havia só um estava em laboração, os outros descansavam ou preparavam-se para a fornada, o que leva muito tempo, não cozendo cada forno mais de duas ou tres fornadas por anno. D'ali fornecem cal para dez leguas em redor, artigo que tem bastante consumo na provincia, não tanto para edificações, que poucas se fazem, mas para caiar as casas por dentro e por fora, como é uso até na mais pobre barraquinha.

Entretanto procuramos sitio para dispôr o almoço que já se fazia lembrado.

A sombra de um azinheiro era magnifico e que prazer almoçar assim, ao ar livre, em pleno campo, para quem todo o anno almoça, janta e ceia entre as quatro paredes da sua casa de jantar!

Tinha um duplo sabor de novidade, pelo logar e por ser um almoço alemtejano.



EDUARDO FREIRE DE OLIVEIRA

Lombo de porco assado, linguiça, torresmos, queijo de ovelha, vinho e pão, tudo collocado sobre a toalha muito branca, e para que nada faltasse n'uma meza que se preza, dispou-se em volta da toalha ramos de acacia, como que a guarnecerem um canteiro de flores.

Estomagos bem dispostos para comer, espiritos descuidados para galhofar, assim correu o almoço alegremente, fazendo todos as honras ao lombo assado e á linguiça que provocava boas goladas e melhores saudes ao amphytrião da festa.

Depois do almoço continuámos o nosso passeio até á Ponte da Portagem, que ainda ficava distante.

É uma ponte romana no rio Aramenho, que fertilisa aquelles campos. O rio pouca agua levava, deixando a descoberto grande quantidade de pedras magnificas para amolar.

Junto á ponte havia umas casitas habitadas por gente pobre que sabiam das portas para vêr os forasteiros. Muitas creanças lambusadas, sujas, divorciadas com a bella agua do rio onde se poderiam lavar á vontade, occultavam-se com as saias das mães ou quedavam-se desconfiadas a olhar-nos.

Apparecia por ali pouca gente extranha.

Mas parte dos meus companheiros tinham desaparecido e quando dei por elles, estavam empoleirados sobre as muralhas de uma torre dismantelada, pouco distante da ponte.

Eram os restos de uma torre romana, de que só exestia as quatro paredes, dentro das quaes o proprietario guardava castanhas, pelo que no logar informaram.

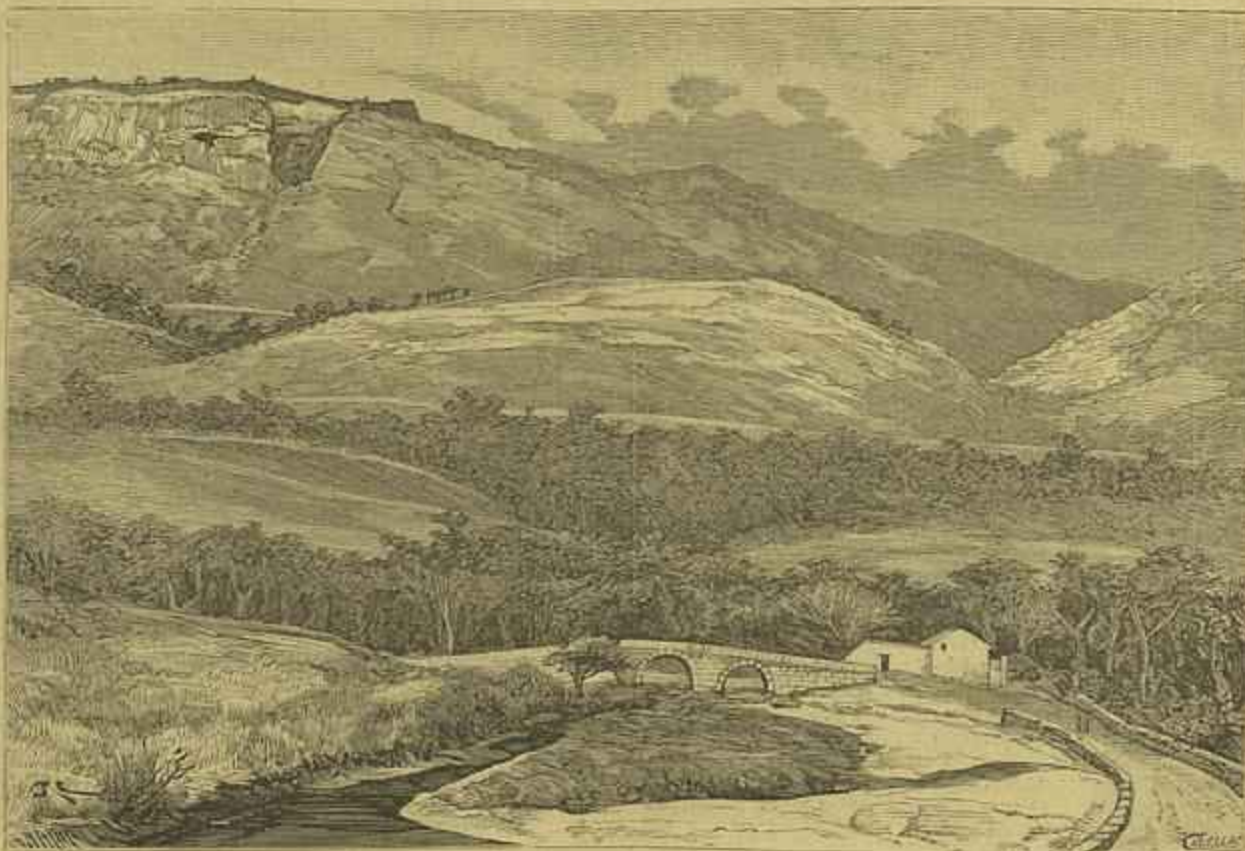
A que estava reduzida a pobre torre!

A ascensão fôra relativamente facil, porque as muralhas, esbroadas, offerciam reintrancias e saliencias por onde se podia trepar, mas a descida é que era difficil, ou quasi impraticavel.

Acudiu um bom homem do logar com uma escada por onde Ramalho e Branco Rodrigues desceram, porque Arnaldo da Fonseca mais leve e mais magro lá conseguiu agarrar-se pelas paredes e a custo chegar abaixo, com ares triumphantes, no meio da gargalhada geral que acolheu os assaltantes da velha torre.

Estavamos sobre o que fôra Medobriga!

UMA VISITA A CASTELLO DE VIDE



PONTE DA PORTAGEM

Na *Epitome Lozitanæ Historiæ*, de Jeronymo Soares Barbosa, diz que: Medobriga estava situada no monte onde agora está Portalegre, Arronches, Alegrete e Marvão, e em cujas faldas fica Aramenha, não só pela direcção da via militar romana de Lisboa a Medobriga, marcada no *Itinerario de Antonino*, mas pelas galerias de exploração das minas de chumbo, que segundo Plínio, fizeram dar aos medobrigenses o cognome de *plumbarios*.

E' uma região mineira, não ha duvida, e alem d'isso no sub-solo devem existir preciosidades archeologicas de inestimavel valor, como algumas se tem já encontrado, e muitas mais se encontrariam se se procedesse a escavações bem ordenadas e com proposito fim. Mas ninguem pensa n'isso e só por acaso se tem encontrado um ou outro objecto, quando lavram a terra ou cavam alguma horta.

Alguem contou que em um forno soterrado se encontrara um coelho.

— Vivo?

— Não. Assado!...

E com esta nos fomos, pelo meio da tarde, até á villa, atravessando por dentro da quinta do Prado; uma propriedade magnifica da familia Lecoq, a maior propriedade rural d'aquelles sitios.

Tem grandes viveiros de bacellos americanos e ali vimos estar a fazer enchertias de garfo, com um cortador ou navalha mechanica, que produzia garfos com grande rapidez e que uns cinco ou seis homens ligavam.

A produção de bacellos é enorme, mas ainda assim mal chega para as encomendas que recebe de toda a parte e até do Brazil.

Certamente o Alemtejo vaie entrando em uma phase de progresso agricola de que ha muito a esperar, e se esse progresso se estender a toda a provincia, como mostra manifesta tendencia, desbravando-a e cultivando-a utilmente, isso bastará para restabelecer a economia e finanças do paiz.

Entrámos na villa ao sol posto. D'ali a tres horas deviamos partir para Lisboa. Só nos restava tempo para jantar e arranjar as nossas malas.

Ficámos quasi duas horas á meza, o que não era muito, n'um jantar de annos na provincia, com interminaveis entradas, doces e saudes, em que me coube felicitar o sr. Antonio Repenicao, sua ex-mulher e filha, menina muito prendada, cujas obras de bordados mereceram ser premiadas na Exposição do Athenæo Commercial de Lisboa do anno passado.

Ao café chegaram os srs. dr. Aniceto, Tavares Roza e D. Vicente, que ainda fizeram uma saude; depois era mister partir, e com que magoa eu o fiz!

Trazia no coração uma saudade a par da satisfação de ter conhecido tão distinctos cavalheiros, e a encantadora Villa de Castello de Vide.

Caetano Alberto.

D. CONSTANTINO DE BRAGANÇA

O retrato que acompanhamos d'estas despreziosas linhas é reproduzido, com a devida venia, de uma gravura inserta a pag. 549 do tomo II da *Histoire des Découvertes et Conquêtes des Portugais dans le Nouveau Monde* pelo padre jesuita Joseph François Lafitau — Paris. 1733.

Em um elegante opusculo, o nosso illustrado consul em Leorne, sr. Antonio de Portugal de Faria, publicou ha tempo uma reprodução do alludido retrato de D. Constantino de Bragança, contribuindo assim para conservar mais um retrato de portuguezes illustres, fundando-se na natural authenticidade d'essa gravura, attento que na galeria do Palacio dos Vice-Reis existem os retratos respectivos e ser sabido que o auctor do livro viajou pela India.

Conhecendo nós a copia, existente na Bibliotheca Publica de Lisboa, do manuscrito intitulado *Breve tratado ou epilogo de todos os Viso-Reys que tem havido no Estado da India*, por Pedro Barreto de Rezende — (633, cujo codice original se guarda na Bibliotheca de Paris, tratámos de comparar os dois retratos: a referida gravura e a aguarella que illustra o manuscrito de Rezende, retrato este que D. Christina Garin dos Sanctos, a cuidadosa copista do manuscrito, trasladou fielmente, achámos bastante a identificação de um retrato com o outro.

Aproveitaremos o ensejo para transcrever a parte do manuscrito de Pedro de Rezende que se refere a D. Constantino de Bragança, embora pouco adeante ao que se conhece, mas por ser texto inedito.

Antes d'isso, porém, leiamos a *Decada setima* da

Historia da India de Diogo do Couto, onde este brilhante orientalista portuguez nos conta os motivos porque foi D. Constantino nomeado vice-rei da India. Tem verdadeiro interesse esse trecho:

«Fallecido el-rei D. João, o terceiro, e entregues do governo do reino e tutoria do menino Sebastião, que ficava de peito, a rainha D. Catharina, sua avó, e o cardeal D. Henrique seu tio: trataram como foi tempo, de proverem nas cousas da India, por haver mais de tres annos que a governava Francisco Barreto. E lançando os olhos por toda a corte, (porque desejavam de fazer eleição de uma pessoa a que todos tivessem respeito e tratasse mais do que cumpria ao serviço de Deus e d'el-rei, que do seu particular), os pozeram em dois homens, que se escuzaram, do que a Rainha e Cardeal ficaram tão enfadados, que publicamente se lhes conheceu:

«Sucedeu, n'este tempo, estar um dia, o duque de Bragança D. Theodosio praticando com seu irmão D. Constantino, sobre este negocio, e estranhando ambos muito, engeitarem aquelles homens tamanha cousa, disse D. Constantino: — agora que estes homens engeitaram isto, fora eu de muito boa vontade á India, só por serviço de Deus e de El-rei.

«A isto não respondeu o duque cousa alguma, nem D. Constantino fez caso d'isso, porque não disse aquillo senão em pratica, por extranhar aos que engeitaram tamanho negocio. Mas o duque, que era muito zeloso do serviço de el-rei, sem dar conta ao irmão do que ia fazer se foi á rainha e ao cardeal, e lhes disse, que lhes levava um alvitre de muito serviço de el-rei, e com que esperava de temperar o desgosto e descontentamento com que andavam; e então lhes contou o que se passara com seu irmão D. Constantino, afirmando-lhes que se o commettessem para a jornada da India, que a accetaria, pelo zelo que tinha do serviço d'el-rei, o que elles agradeceram muito.

«E indo-se d'alli, foi D. Constantino logo chamado, e com palavras de muita obrigação o commetteram para ir á India, agradecendo-lhe muito o zelo que mostrara ao serviço de el-rei, n'aquellas palavras que passara com seu irmão o duque.

«D. Constantino ficou sobresaltado, porque nunca cuidou que o duque seu irmão lançasse mão do que disse, nem descobrisse, o que entre ambos passara em conversação secreta; e vendo que o penhoravam pela palavra, não se quiz escusar, antes lhes disse, que muito bem sabiam como el-rei D. João, que Deus tinha em gloria, lhe tinha dado o cargo de camareiro-mór, que elle já serviu antes que elle fallecesse que parecia justiça não lh'o tirarem, pois elle não o desmerecia; e tanto que tivesse o principe idade, torçado havia de ter quem o servisse n'aquelle cargo.

«A Rainha lhe respondeu que seu neto era ainda menino de peito e que ainda se criava no collo das amas, e que haviam de passar alguns annos primeiro que houvesse mister camareiro: que o fosse elle servir á India, e quando de lá tornasse o ouviriam em seu requerimento e lhe fariam justiça».

O retrato de D. Constantino é, no manuscrito de Barreto, o 19.º dos 44 que contem essa collecção.

Eis o que esse auctor muito singularmente nos diz a seu respeito:

«D. Constantino de Bragança, filho de D. Jayme, duque de Bragança, visorrey 7.º e 10.º no governo do estado da India, partiu de Lisboa em 7 de abril do anno de 1558 com quatro naos. Governou tres annos e oito dias e foi-se para o reino. Foi o primeiro que se elegeu para este cargo depois da morte de el-rei D. João III, pelo cardeal D. Henrique, tio d'el-rei D. Sebastião, que ficou memino de peito e pela rainha D. Catharina, sua avó, tutores seus e governadores do Reyno de Portugal. Tomou D. Constantino a fortaleza de Damão, na qual em seu tempo honve muitas grandes guerras e os nossos tiveram muitas assignaladas victorias. Castigou e destruiu o rei de Jafanapatão, e lhe tomou um dente de bugio que os Chingalás e Pegus adoravam, e pelo qual el rei de Pegú lhe dava 300:000 pardãos, mas porque era cousa contra a lei de Deus, o mandou queimar deante de si e dos embaixadores, depois de feito em pó n'um almofariz.

Tomou a ilha de Manar, e em seu tempo se fundou a fortaleza de Moçambique na forma que agora está. Foi o melhor governador das christandades que nenhum outro visorrey que antes tivesse governado. Teve muito grandes guerras com Cananor, por conjuração de todos os reis do Malabar. E Luiz de Mello da Silva, capitão do Malabar, destruiu a cidade de Mangalar, alcançando dos malabares grandes victorias. Em

seu governo, fez o papa Paulo, por supplica de el-rei D. Sebastião, arcebispo de Góa e bispados de Cochim e de Malaca; e veiu o primeiro arcebispo e inquisidor á India. Perdeuse a fortaleza de Punicala na Costa da Pescaria e Baliar na camarca de Damão; e na ilha de Barem, foram os nossos desbaratados pelos turcos, onde morreram muitos que depois foram bem vingados. Houve uma grande victoria do Samory. Fez pazes com el-rei do Chimbe. Mandou D. Antonio de Noronha o cutariar de soccorro, a pedimento de aquelle rei, onde os nossos houveram grandes victorias dos inimigos. As armadas que em seu tempo vieram do reino são as seguintes:

Anno de 1558

Armada 60

Em 7 de abril de 1558, despacharam para a India o cardeal D. Henrique e a rainha D. Catharina, governadores de Portugal, uma armada de 4 naos de que eram capitães, D. Constantino de Bragança visorrey, na *nao Garça* — Aleixo Chichorro, vedor da fazenda, na *nao Raynha*. Peixoto da Silva na *nao Tigre*, e Hieronymo de Mello na *nao Castello*. Chegaram a Góa a 3 de setembro. Embarcaram n'ellas muitos fidalgos e 2:000 homens de guerra. Estas naos com a *Framenga*, que ficou com a armada do anno passado, foram a Cochim e tomada a carga se fizeram á vela para o reino em 20 de janeiro de 1559, e n'ellas se embarcou para o reino o governador Francisco Barreto. A *nao Framenga*, passado o cabo da Boa Esperança, se foi perderna ilha de S. Thomé. A *Garça* se perdeu na viagem, e o governador Francisco Barreto lhe tomou a gente e a principal fazenda; e tornou a arribar a Moçambique com ella. E tornando a fazer viagem, por causa da muita agua que a *nao* fazia, tornou a arribar a Moçambique, e d'ahi foi em patachos para Góa, e querendo a *nao* fazer outra vez viagem se foi perder em Mombaça. As tres foram a salvamento ao reyno.

Anno de 1559

Armada 61

Em 28 de março do anno de 1559, despacharam ao governador de Portugal referidos para a India uma armada de 6 naos de que eram capitães: Pedro Vaz de Sequeira, capitão-mór, em Flór de Carnar. N'esta não se embarcou para a India frei Jorge Themudo 1.º bispo de Cochim. Francisco de Sousa na *Algaravia*, em que se embarcou frei Jorge de Santa Luzia, 1.º bispo que houve Malaca. Luiz Alves de Sousa em S. Guido Lizuarte Perez de Andrade na *Conceição*. Invernou em Moçambique, Ruy de Mello da Camera em S. Paulo, na qual arribou ao reyno. Embarcaram-se n'estas naos 3:000 homens de guerra. As quatro chegaram á barra de Góa com boa viagem aos primeiros de setembro e foram a Cochim tomar carga, com que partiram para o reino em 20 de janeiro de 1560, onde chegaram a salvamento. E quasi no mesmo tempo partiu de Góa tambem para o reino o governador Francisco Barreto em uma não em que chegon ao reino depois dos trabalhos que padeceram em duas arribadas que fez a Moçambique, como fica dito.

Anno de 1560

Armada 62

Em 2 de abril do anno de 1560, mandaram os governadores referidos, para a India uma armada de seis naos de que eram capitães: D. Jorge de Sousa, capitão-mór, na *nao Castello*. Vasco Lourenço de Barbuda em S. Vicente. N'esta não embarcou para a India o mestre D. Gaspar, primeiro arcebispo de Góa que foi conego e uma das principaes dignidades da sé d'Evora cidade; e dois inquisidores, que foram os primeiros que passaram á India, Jorge de Macedo, na *nao Raynha*. Lourenço de Carvalho no galeão *Drago*. Francisco Figueira de Macedo no galeão *Sedro*, que arribou ao reino, Ruy de Mello da Camera que foi invernar ao Brazil; e fazendo lá viagem foi dar á costa em Sumatra, mas salvou a gente.

A *nao Raynha* foi tomar Cochim na entrada de novembro. O galeão S. Vicente foi tomar Panane a 15 de novembro, e a *nao Castello* foram vèr terra do Cabo do Comorim para dentro, e governando ao sul, por lhes parecer que estavam no Panane, deram juntos no reino de Manar, o visorrey Dom Constantino que muito á pressa mandou muitas embarcações ligeiras que a todas deitaram para fóra.

Das quatro naos que chegaram á India, a capitana foi invernar a Góa; e as tres, tomada carga, partiram para o reino em 15 de janeiro.

Duas chegaram ao reino, e a S. Vicente inver-

nou em Moçambique e depois fez viagem, e chegou também a salvamento.

E mais não diz Pedro Barreto, cuja orthographia conservámos.

Terminemos agora vindo como Diogo do Couto relata a volta a Portugal do vice rei D. Constantino. Ficará assim mais completo este rapido quadro biographico:

«Em principio d'este anno de sessenta e um em que entramos, a Rainha e o Cardeal, tutores do menino Sebastião entraram em despacho das cousas da India; e vendo que havia tres annos que n'ella estava D. Constantino, determinaram que o mandar ir para o reino; e tratando da pessoa que haviam de eleger, escolheram D. Francisco Coutinho, conde de Redondo, que então servia de regedor na casa da Supplicação, por fallecimento do regedor João da Silva.»

Chegado a Goa, em 7 de setembro, D. Francisco Coutinho recebeu logo de D. Constantino o governo na forma costumada, e tirou seus instrumentos do estado em que deixava a India, e se retirou a Panelim, onde tinha a sua não a que fez dar grande aviamento para ir tomar carga a Cochim. Durante a sua permanencia na India, recebeu D. Constantino bastantes favores do conde do Redondo, e em fins de outubro fez-se de vela para Cochim.

As náos, depois de tomarem carga, em Cochim deram a vela para Portugal.

A chegada de D. Constantino a Lisboa não foi motivo de alegrias para todos, porquanto por mandado do rei foi preso para o castello D. Jorge de Sousa, capitão-mór da armada anterior, com quem o vice-rei houvera nas alturas de Santa Helena uma grave questão de abater bandeira; desavença esta que ficou em nada pela reconciliação que se succedeu, mas que fez soffrer algum tempo de reclusão a D. Jorge de Sousa.

As duas transcripções, pois, que fizemos, tem a distinguil-as o emoldurarem o trecho inedito de Pedro Rezende. A contribuição propria que fica n'estas linhas alheias é bem mesquinha, mas aquelles que não conhecerem o manuscrito *Epilogo de todos os Viso-Reys* acharão n'ellas utilidade.

Esteves Pereira.

OURO ESCONDIDO

NOVELA ITALIANA DE SALVATORE FARINA

(Continuado do numero anterior)

X

Tôla! tôla! tôla!

O doutor Roque quiz tambem por sua vez o periodico, permaneceu um instante pensativo e em seguida perguntou:

— O senhor tem acções d'empresas industriaes?

— Tenho.

— Pois então, será talvez qualquer especulador astuto com muita sympathia pelo senhor e que lhe aconselha que venda — o proprio doutor, porém, compreendeu immediatamente quanto era absurda semelhante supposição e emendou-a desde logo, dizendo: — Nada, nada, isto de especuladores astutos só tem muita sympathia pelos ganhos.

De subito, o Joaquim, que estava por detraz do doutor Roque a observar o papel, despediu um grito agudo, e Romulo, quasi ao mesmo tempo, outro:

— Os pontos! — exclamou o Joaquim.

— Os pontos! — exclamou o Romulo.

E como ninquem comprehendesse ainda, Joaquim virou o periodico na mão para mostrar os pontos negros collocados por baixo de algumas letras, emquanto que Romulo, sem se mexer, explicava o que significavam:

— Os pontos indicam as letras que se devem ir ajuntando.

— Vejam — disse o Joaquim — no principio está escripto: «Revista da Bolsa—A semana passou...» unindo, porém, as letras marcadas com os pontos, lê-se: *amo-te*.

Frederico, protestando que aquillo era necessariamente uma brincadeira, pegou no periodico e leu em alta voz, unindo, á força de trabalho, as palavras:

«Amo-te; espero te na quarta feira no baile da baroneza; não faltes; não me atormentes escondendo-te; ver-te e declarar te o meu amor sem que tu saibas quem eu sou, é essa a minha unica alegria.»

— Tôla! — murmurou a Amalia de modo que a ouvissem.

— E mais nada? — perguntou o Enéas.

Frederico, primeiro, riu-se; depois respondeu:

— Mais nada; alguma, sem duvida, que me quer vêr no baile — a que não fui durante a estacão toda — representando o papel de buscador inquieto de uma formosa incognita. Os meus collegas do Casino são capazes de tudo quando se tracta de se divertirem um bocado; mas não lhes darei esse gosto; a farsa é lorpa de mais...

— Coitados! tem dô d'elles, vae — disse o Enéas.

Joaquim fez notar o seguinte:

— Pois a mim não me parece farsa, e se o fosse, estaria bem longe de ser lorpa; repára que, se a ideia é vulgar, a forma é engenhosa; os collegas do Casino não tomariam tamanhas precauções; contentar-se-hiam escrevendo-te simplesmente uma carta anonyma; ou quando muito, mandal-a-hiam escrever por alguma das suas... (já para dizer *queridas*, mas por consideração para com a Amalia, disse *primas*) alguma prima que soubesse escrever e cuja letra não conhecesses.

— Esses senhores do Casino — perguntou a Amalia — tem primas que não sabem escrever?

— Têm, algumas... Não estariam com tantos primores, continuou o Joaquim — porque, como já te disse, a coisa, em si, rada e; a forma, porém, não se pôde negar que é engenhosa; assim, pois, não se tracta de uma farsa.

— Nem o pôde ser — asseverou o Romulo. — Isto é escripto por uma mulher, com toda a certeza; uma mulher que deve ter as suas razões para se esconder... não direi quaes sejam, mas creio que me entendem... Cartas são sempre perigosas; a letra distarçada é como a photographia, se não és tu é alguém que se parece contigo. Que côr tinha a cinta do periodico?

— Era verde — côr da esperanza — disse com negligencia o Frederico — e o sobrescripto em letras de imprensa, recortadas e coladas.

— Então, ah! tens! — exclamaram, a um tempo, o Romulo e o Joaquim.

— Hoje é quarta-feira; o baile da baroneza começa d'aqui a uma hora; se fóres d'aqui já direito ao cabelleireiro e em seguida a casa, vestirtes, chegarás ainda a tempo de escolheres um bom ponto de observação. Tractando se de descobrir a incognita, é de summa importancia estares alli antes que ella chegue, para a poderes adivinhar pela olhadella que, assim que entre, ella dirigirá em redor procurando-te; porque apenas te tiver visto, a sua diplomacia feminina desafiará a tua astucia masculina e não ficarás sabendo mais nada.

Tão judicioso conselho era dado pelo engenheiro Enéas, o qual por sua vontade já tinha empurrado o amigo pela porta fóra, para o obrigar a ir ao baile da baroneza.

O Frederico, porém, não se moveu até que era inquestionavelmente tarde demais para ir ao cabelleireiro e d'ali a sua casa e d'esta ao baile.

«Que necessidade teria elle de me dar a entender que não vae a casa da baroneza?» perguntou a si propria a Amalia.

— Em que pensas? — perguntou-lhe a mãe.

— No cavallo de sella do senhor Frederico.

— E quem te diz que seja elle o doador incognito?

— Ninguem; fui eu que o adivinhei.

Ainda permaneceu por instantes como que a pensar n'aquillo; depois, dirigindo á parede um olhar de compaixão, por tres vezes lhe disse:

— Tôla, tôla e tôla!

XI

Algumas ideias da Amalia

Frederico, no dia seguinte, tambem foi á casa Trombeta; tinha a certeza (segundo dizia) de lá encontrar o seu amigo Enéas e queria pedir-lhe que viesse com elle visitar as excavações, realisadas na sua casa de campo junto ao lago Pusiano, onde, em vez de moedas de ouro, escondidas nos tempos de Napoleão, apenas tinham sido encontradas panelas, todas vãsias.

«Este diacho d'este engenheiro — dizia tambem o Frederico — é capaz de conhecer, logo á primeira vista, em que especie de cosinha podem ter sido empregados os citados utensilios, porque, entre os cosinheiros da visinhança, não ha um unico que saiba uma palavra do assumpto.»

O pretexto era optimo e a Amalia nada teria que dizer, se o senhor Frederico se não tivesse apresentado duas horas bem contadas antes d'aquella em que costumava apparecer diariamente o senhor Enéas.

A donzella tinha a certeza de que aquella visi-

ta era para ella, e só para ella; que teria elle pois, a dizer-lhe, alguma delicada impertinencia, seguramente. E resolveu permanecer sem pronunciar palavra, para fazer com que lhe naufragassem os planos.

— Anda então á procura d'um thezouro? — perguntou-lhe o formidavel doutor Roque, com aquella suavidade que era n'elle como quem diz a mascara de uma bateria. — Deve ser um thezouro de grande importancia!

— Nem por isso — retorquiu o Frederico — é um thezouro pequeno.

O doutor dirigiu um olhar á joven, que se fingia distrahida, como se lhe dissesse:

— Espera, vae ver como eu o arranjo!... e acrescentou:

— E anda o senhor a perder tempo á procura de frioleiras? — O senhor talvez não saiba...

— Mas faça favor de me dizer — atalhou o Frederico — em que quer que eu empregue o tempo? Se fosse possivel perder-se uma hora do dia como se perde um lenço do bolso, quantos imagina o senhor que se abaixariam para as apañhar?

— Entre certos individuos, nenhum, despediu impetuosamente a Amalia; ao notar, porém, um sorrisinho de satisfação nos labios de Frederico, acrescentou com tranquillidade: — E comtudo, ha gente n'este mundo a quem os dias parecem sempre curtos.

— Felizes mortaes! — exclamou o Frederico, e mais não disse, como se tivera adivinhado na Amalia a intenção de se entrincheirar por detraz do silencio, e estivesse satisfeito por tel-a obrigado a sahir para fóra das trincheiras.

A donzella sentiu immenso desejo de voltar ao seu firme proposito e não tornar a sahir d'elle; mas tinha-se-lhe fechado a porta da sahida. Comprehendia que se enganara na tactica, que estava dando poder ao adversario, a tentação, porém, era superior ás suas forças; tinha principiado e havia de acabar.

— Quando digo *certos individuos*, subentende-se que excluo o senhor Frederico; não creio que o senhor seja dos taes que, quando conseguiram estar duas horas sem consultar o relógio, exclamam, alegres:

— Ah! já passaram tambem!

— Queira perdoar — observou com doçura Frederico — mas creia que sou um dos taes individuos. Por ventura não diz o mesmo o operario no fim de um dia inteiro de trabalho, e não diz o mesmo o senhor seu pae, aqui presente... e acaso a menina não se sente tambem agradecida para com o romance que a distrae n'essas eternas horas da tarde?

O doutor Roque tomou a palavra, ou antes, agarrou-a:

— Não ha comparação — resmungou — que teria que vêr com isso o *senhor seu pae aqui presente*, que tem gota, que tem um braço invalido e uma inchação no baço? O tedio é proprio de gente com saude, palavra que me não aborreço! Sei que estou aqui a servir de alvo ás iras celestes e cumpro em regra o meu officio. Mas com respeito a Amalia...

— O operario, interrompeu a joven — ao cabo de um dia inteiro de trabalho, pensa: concluí a minha tarefa; ganhei o pão para a familia; meus filhos tem um dia a mais.

— Sempre é consolação — observou a rir o Frederico — mas nem todos podem ter familia.

— Diga antes que nem todos querem; familia, quer dizer carinho; e as pessoas que se aborrecem não são capazes de amar.

— Muito me conta! — exclamou Frederico — mas por que motivo?...

— Porque o aborrecimento é uma das formas do egoismo.

— Deveras!

— Deveras: é necessario que se tenha o coração bem secco para se não trabalhar, quando a cada passo se encontra tanta necessidade, e para não se amar, quando se escutam os gemidos de tantas dôres. Todo aquelle que ama e trabalha jámais se aborrece.

— Com certeza.

— E por consequencia, quem se aborrece é incapaz de amar.

— E' erronea a conclusão, minha senhora.

— O senhor Frederico tem razão — observou Tranquilina que até ali permanecera callada, a um canto: e tu, minha filha pensarias bem, se não desses demasiada extensão ás ideias; queres ser justa e descambas em absoluta.

Amalia adoptou o acertado expediente de rir; e, em seguida, acrescentou:

— Assim será; mas ao menos o que digo, tenho-o pensado antes; esses senhores lá do Casino, excluido, já se vê, o senhor Frederico, não

devem de ser absolutos em suas ideias, porque, provavelmente, não pensam nunca — não as têm. São uns meninos grandes os tais senhores. Sabes, mamã, no que eu penso quando olham para o relógio e dizem bocejando: «Graças a Deus! já lá vai uma hora.»

— O que pensa então? — perguntou com impertinente amabilidade o Frederico.

— Penso nos estudantes que atiram com o barrete ao ar e gritam: «Graças a Deus! está doente o mestre, hoje não temos aula!»

Frederico deixou pender a cabeça sobre o peito com uma pontinha de rabuje, e permaneceu alguns instantes como quem reflectia; depois disse:

— Ora diga-me: o mestre que está doente, vem a ser o tempo perdido na ociosidade, não é assim? Gosto da comparação. Se a menina, com a idade que tem, falla com tanta philosophia, que será lá mais para deante?

A joven sentiu o remorço mas não poudo replicar, porque, ao mesmo tempo, Frederico, allegando não sei que pretexto, despediu-se e sahiu.

— Que viria cá fazer este folgazão? — perguntou o doutor Roque.

E como ninguem respondesse, acressentou:

— Pois sim, será folgazão se quiserem, mas o caso é que eu, quando estou ao pé d'elle, sinto nem sei o quê. — No fim de contas, gosto d'elle.

A Amalia pensava:

— «O assumpto das excavações era pretexto; mas, então, que veio elle cá fazer? — Faço-o arder, bem percêbo; trazia talvez a vingança n'al-gibeira e não a poudo saccar.»

Que especie de vingança seria a d'elle? — A tal desconhecida que o preocupa... ou talvez outra... E a mim que me importa que seja essa ou que seja outra?

(Continua.)

Pin-Sel.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Catalogo delle pubblicazioni della premiata copisteria e calcografia musicale de Romualdo Fantuzzi — Editore — Milano — Via Pantano, 26.

Neste seu catalogo relativo a 1898 a conceituada casa italiana de R. Fantuzzi dá-nos conta das suas edições publicadas para este anno e cuja perfeição como productos graphicos é inexcédível, avantajando-se as grandes impressões de musica feitas na Alemanha por Steingraber, Litoff e outros editores afamados.

Para este anno, é grande o numero publicado de composições originaes do maestro Vittorio Maria Vanzo, cujo retrato illustra o catalogo que temos presente, compositor cuja serie de trabalhos é já longa e valiosa, tendo merecido unanimes elogios da imprensa italiana.

Annaes da Comissão Central Executiva do quarto centenario do descobrimento do caminho marítimo para a India. Lisboa — Imprensa Nacional — 1897.

Temos presentes os fasciculos IX e X d'estes annaes, em que a illustre comissão vae archivando todos os documentos relativos á grande celebração nacional. Tratam elles da *Correspondencia e Actas* e constituem leitura interessante para se conhecerem das difficuldades, das adhesões e dos porfiados trabalhos com que se tem defrontado a patriótica comissão no sentido de levar para deante e a bom exito a sua brilhante iniciativa.

Circular da Real Associação dos Archeologos — Lisboa.

Em tempo, fez a prestimosa Associação dos Archeologos Portuguezes distribuir pela imprensa um patriótico appello para que ella se esforcasse e auxiliasse a corrente de protecção aos monumentos nacionaes que a mesma associação intentava estabelecer.

Por ser muito extenso, esse manifesto não o publicamos então, reservando-nos para dar d'elle um extracto.

Nenhum melhor do que aquelle que elucida o publico acerca dos intentos da illustre corporação e que são os seguintes:

1.ª) Formular o inventario dos monumentos e

objectos d'arte, que devem ser apontados á acção vigilante do governo e ao culto esthetico do povo portuguez;

2.ª) Estabelecer uma forte corrente de opinião que torne viavel qualquer projecto que tenda a garantir eficazmente a guarda e conservação dos monumentos;

3.ª) Recolher, para depois fundir n'um pensamento commum, todos os elvires e todas as propostas que mais racional e mais praticamente concorram para realizar o fim que se pretende.

Versos por Luiz Gonsalves de Freitas, volumes VIII e IX das obras do mesmo auctor, respectivamente: *Rachel e Horas de Paz* — 1896 e 1898.

Ambos estes livros encerram versos de valor. Um constitue a traducção liberrima do drama *Rachel*, em quatro actos em verso de Hyppolito Lucas, trabalho dedicado pelo sr. Gonsalves de Freitas a el-rei D. Luiz I.

O segundo volume contem as *Horas de paz*, sentidas composições que o auctor precedeu das seguintes estrophes; que bem espelham a sua inspiração e sentimento.

Horas de Paz! — Horas Bemdictas!
Horas de Amor! — Céu de Alegrias! —
Tangei! Sumi visões maldictas!
Horas de Crença! — Ave-Marias! —
Horas que soam como Hosannas!
Canticos da alma! — Horas Mariannas! —



D. CONSTANTINO DE BRAGANÇA — VISO-REI DA INDIA

(Copia de uma gravura antiga)

Tangei! vertei-me na alma, em festa,
Docuras mil, em ternos dons! ...
A minha vida, — orna floresta, —
Ajardina! enchei de sons!
E longe fique a Hora Funesta
Do meu interno! — o Céu dos Bons! —

Ao Mestre a offerta. — A paz na lida! —
Trégoas na luta a que ando affeito!
Trilho de Luz! — Senda florida! —
Elle, que é Bom, perdôa o preito.
Ao Mestre a offerta. E-lhe devida.

Ao Anjo, que enche a minha vida,
Todo este amor que me enche o peito.

Diccionario Illustrado — Editor e proprietario Francisco Pastor — Lisboa — 1898.

Esta interessante obra alcança já o fasciculo 56, correspondente á folha 132, pagina 1792, palavra *Saltar*. Inere numerosas gravurinhas relativas aos termos mais importantes e entre ellas varios retratos de portuguezes e estrangeiros.

Livro indispensavel pela sua natureza especial de vocabulario, torna-se agradavel pela boa disposição da materia e variedade com que está illustrado.

Diversos relatorios:

Estamos na época propria, em que as grandes e pequenas empresas, companhias e mais estabelecimentos de varia natureza publicam os seus relatorios ou annuarios, documentos estes que embora apparentemente aridos conteem sempre dados dignos de ponderação e apreço.

Entre outros é justo que distingamos os seguintes:

Relatorio da direcção da Companhia de Seguros «Fidelidade» em 1897 — Lisboa, 1898.

Este bem elaborado documento foi apresentado em assembléa geral de 29 de janeiro de 1898 e contem igualmente o parecer da commissão de exame de contas.

Relatorio do Instituto Vaccinico Campos & Bourquin — Typ. e lith. A. E. Barata Lisboa, 1898.

Este relatorio pertence ao anno vigessimo nono da fundação de tão util e prestante estabelecimento lisbonense, o primeiro da capital, pelo seu movimento de vaccinandos e antiguidade.

Entre os documentos insertos n'este relatorio, merece especial menção pela sua honrosa importancia que tem para o Instituto Vaccinico e muito especialmente para um dos seus fundadores, o sr. dr. Alexandre da Silva Campos, uma extensa carta do sr. dr. Francisco Frederico Hopfner, antigo vogal secretario do conselho de saude naval, em que este clinico faz uma lisongeira analyse ao anterior relatorio.

Relatorio e contas da gerencia da direcção do Monte-pio Geral no anno de 1897.

Da analyse de tão notavel documento, muito haveria a dizer, mas em tudo só teriamos a louvar a digna direcção de tão conceituada instituição hoje por todos os motivos a primeira do paiz.

Relatorio sobre o Instituto Industrial e Commercial de Lisboa. — 1898.

Este relatorio respeita ao anno lectivo de 1896-1897 e é redigido pelo nosso illustre amigo sr. conselheiro Francisco da Fonseca Benevides, que no presente trabalho affirma a muita solicitude que dedica ao estabelecimento que dirige.

Annuario do Gremio Artístico relativo a 1896-1897. — Lisboa. — MDCCCLXXXVII.

Em harmonia com o disposto nos seus estatutos, apresentou em 26 de julho de 1897 a respectiva direcção o presente relatorio contido n'este annuario o que foi approvedo n'essa assembléa.

É trabalho deveras importante e que illucida muito acerca da vida do Gremio.

Acerca do proxima exposição que este Gremio realiza, foi-nos communicado o seguinte:

«Havendo a assembléa geral d'esta sociedade, resolvido que a exposição ordinaria seja este anno substituida por uma *Exposição especial*, na epocha da celebração do 4.º centenario do descobrimento do caminho marítimo para a India, temos a honra de participar a V. que essa exposição se ha de realizar nas condições seguintes:

«Podem concorrer todos os artistas portuguezes, e os estrangeiros que façam parte d'esta sociedade.

«A exposição realizar-se ha nas salas da Escola de Bellas-Artes, e comprehenderá sete seccções: *Pintura a oleo, aguarella, desenho, (a carrão, a pastel, etc.), escultura, gravura, architectura e arte applicada.*

«Inaugurar-se ha no dia 7 de maio, devendo manter-se aberta por espaço de um mez, pelo menos.

«Os trabalhos recebem-se desde já, terminando o prazo para a entrega no dia 20 de abril, *impreterivelmente*. *Nenhuma obra se aceitará depois d'esta data, seja qual for a razão invocada.*»

AVENTURAS D'UMA NOVIÇA

VERSAO DE

ESTEVES PEREIRA

Um volume illustrado com uma linda capa impressa a duas cores, 200 réis.

A venda em todas as livrarias e na *Empresa do Occidente*, largo do Poço Novo — Lisboa.

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.

Preço da capa e encadernação 1.200 réis.

Pedidos á Empresa do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39